

Gabriel Gomes edita disco a solo

Gabriel Gomes, um dos fundadores dos Madredeus e do projecto Os Poetas, gravou já o seu primeiro disco a solo. O projecto, na área do «trance» ambiental, é apresentado sob o nome OM. O álbum, que rece-

berá o título «Longitude», será editado pela etiqueta Nada, subsidiária da NorteSul. Este disco de estreia de Gabriel Gomes será apresentado ao vivo no dia 22, no Armazém Abel Pereira da Fonseca, em Lisboa



A arte que abandonou o gueto

Exposição «A arte dos anos 80» inaugura-se hoje, às 22 horas, no espaço da Culturgest, comissariada por Maria de Corral

ANA MARQUES GASTÃO

Maria de Corral, crítica e directora da colecção de arte contemporânea da Fundação La Caixa, em Barcelona, fala da exposição «A arte dos anos 80», apresentada na Culturgest.

Quais foram os critérios que presidiram a esta exposição?

Trata-se de uma visão dos 80: como foram surgindo os diferentes movimentos, artistas, tendências, tudo o que causou impacto. Como definiria os anos 80?

Como uma década que criou uma arte diversificada. Não há uma tendência, mas várias. Vivía-se um espírito eufórico. Foi um momento de criatividade. Os artistas dos anos 80 foram poluídos pela teoria? Talvez não. Tratava-se de reflectir sobre a história. Nos EUA surgiu um movimento em que entravam todos os neos: neogeométrico, neo-abstracto, neominimal, neo-expressionista. A fotografia e o vídeo irromperam também. Há como que uma apropriação dos movimentos anteriores. As teorias de Lyotard e Baudriard interpretaram-se de uma forma *sui generis* nos EUA. Na Europa, os artistas alemães, em meados de 80, reivindicavam uma expressão própria independente do minimalismo que havia influenciado os anos 60 e 70.

A crítica redefinia funções? O papel da crítica não foi muito importante. Mais relevante terá sido o dos media. Os artistas plásticos tornaram-se numa espécie de artistas de cinema. Eram solicitados como modelos para a moda, surgiam como capa da *Time Magazine*, da *Newsweek*... A maioria das galerias pertencia a criadores. Eles foram os protagonistas da década, da criação à difusão.

Entre os artistas, uns pretendiam minar os museus e a arte que estes representavam; outros faziam arte para os museus? Não penso que os quissem minar. Poroué, no fundo, o sonho



MULTIPLICIDADE. «A década de 80 criou uma arte diversificada. Não havia uma tendência, mas várias. Vivía-se um espírito eufórico, uma grande criatividade»

dos artistas é ficarem no museu, que lhes dará a imortalidade. Começou-se, no entanto, como Jeff Koons, a atacar o papel dos críticos e dos conservadores. Passou a haver um intercâmbio entre objecto e sujeito, artista e espectador, artista e obra? Não foi o tema mais importante. O mercado sim, a arte como objecto de consumo...

Os anos 80 convertem a arte num produto de mercado?

Sim, mas, ao tornar-se num tema de interesse dos media, a arte sofreu também uma invasão por parte dos especuladores. Ter uma obra em casa significava pertencer a outro status.

Criou-se uma arte não para minorias, mas de certas minorias? Uma arte que foi por vezes mal interpretada e menosprezada, que saiu do gueto de uma minoria. Nesses anos fizeram-se mais museus do que em todas as décadas anteriores. Os políticos e as grandes fortunas aplicaram muito dinheiro. Debateram-se ainda

muitos problemas da sociedade. Como a temática das mulheres? Elas ainda são uma minoria... A crítica à sociedade de Barbara Kruger, de Jenny Holzer... Ou de Cindy Sherman...

As mulheres nos anos 90 são os artistas conceptuais. Não utilizam, como as feministas anterior-

«Nos anos 80, os media foram importantes. Os artistas tornaram-se numa espécie de artistas de cinema»

es, o corpo. Usam os media, a televisão, a imprensa, a publicidade, meios não considerados artísticos tradicionalmente, para lançar mensagens subversivas. Mas isso não existe na pintura, na escultura inglesa ou centro-europeia, na arte que se fez em Espanha. É sobretudo uma característica nova-iorquina.

A arte dos anos 80 é ou não

textual, baseia-se no linguístico? Em Barbara Kruger ou em Jenny Holzer sim. São as mulheres que utilizam a linguagem e fazem a crítica social. A denúncia social é, nos anos 80, muito mais conceptual, linguística.

Houve nos anos 80 um renascimento do figurativo? Sem dúvida. Tratava-se de regressar não a uma pintura narrativa, mas uma arte na qual a imagem fosse protagonista depois da abstracção de 60 e 70. A década de 80 é um lugar da multiplicidade, dos diversos suportes, estilos e temas?

Sobretudo no movimento novo-iorquino, que reage em relação à sua própria cultura. Na Europa é uma arte muito mais existencial, quase física até; do objecto, da introdução da arquitectura, do espaço. Na Alemanha, há um regresso à tradição histórica da fotografia com Ruff e Schütte. Qual é o lugar do corpo?

O corpo é mais pertença dos anos 70 (*body art*) e dos 90. Na década

de 80 surge como imagem. Quando Cindy Sherman se apresenta como artista de cinema, usa o corpo como crítica a uma sociedade que a utiliza.

A ascensão dos *yuppies* e um certo poder aquisitivo influenciam a arte dos 80?

Sem dúvida. Vendia-se tudo. Sem vender, não teria sido possível criar, o que teve também consequências negativas. Ao haver um excesso de oferta, em vez de se gerar arte, produziu-se.

Esta é uma arte em que todos somos tudo (artistas, espectadores, homens, mulheres...)

Acho que sim. A presença do espectador é fundamental.

Uma palavra para a exposição? Riqueza. De imagens, de expressões, de técnicas...

Para aonde vamos agora?

A arte de 90 dir-se-ia mais intimista, autobiográfica e até social. Por isso a linguagem característica é a da instalação. Estamos de regresso à realidade, a do desemprego, da doença, da morte...

Dar prioridade à forma e não tanto ao conceito

«Há uma razão para o meu interesse por esta arte. É que Franco tinha morrido e já nos podíamos expressar livremente»

A. M. G.

Onde encontra nesta década de 80 o belo e o sublime?

Há uma alteração no conceito de beleza. Eu vejo-a em tudo, porém. Não se pode dizer que não exista. A diferença entre a arte conceptual dos 60 e dos 70 em relação à dos 80 passa por uma maior preocupação desta última com a forma. E não tanto pelo conceito. O sublime encontra-se mais facilmente na pintura, como, por exemplo, em Kiefer ou Cucchi.

E Clemente, onde o situa?

É um artista dos 80 pela miscelânea

da sua obra, com uma paleta de cores peculiar, que utiliza elementos de diversas culturas, da Índia a Itália: Roma, Pompeia, Nápoles... Esta apropriação caracteriza os anos 80. Clemente recupera mesmo imagens da escultura destas civilizações.

Rosemarie Trockel tem uma linguagem muito sensível...

Usa materiais como a lã virgem e símbolos como o coelhinho da *Playboy*, elementos de defesa da condição feminina, desenvolvendo uma linguagem muito original. Nesta exposição está uma obra escultórica sua que repre-

senta uma mulher rodeada por dois ferros de engomar. A arte dos anos 80 é crítica...

Susana Solano alia-se a um cada vez maior despojamento.

É uma obra autobiográfica com referências ao corpo, aquilo que é feminino, de uma artista pós-minimalista. Uma obra seca, forte, mas poética. Exponho aqui três fases da sua criação artística. O japonês Morimura reflecte sobre a cultura europeia...

Fazendo uma leitura de Duchamp. Está também a criticar a pintura clássica japonesa, a das flores e dos juncos, recorrendo à

tradição e cultura europeias.

Quer falar dos portugueses?

Julião Sarmento teve um impacto semelhante ao de Barceló. Cabrita Reis destacou-se como pintor nos finais dos anos 80 e depois na escultura e instalação. José Pedro Croft vem desse período também. Estão ambos, assim como Juan Muñoz, relacionados com a escultura centro-europeia na forma de utilizar os materiais, na formalidade da obra. Jorge Molder, um fotógrafo cuja obra aprecio muito, está representado com duas séries, *Walters* e *Um Dia Cinzento*.

Que a atrai nesta arte?

Há uma razão histórica para o meu interesse por esta arte. Franco morreu nos fins de 70. A abertura cultural começa nesta década. Pela primeira vez, pudemos expressar-nos livremente, e mesmo o consumo aumentou imenso nos anos 80. A Europa passa a interessar-se por Espanha quando da mudança do regime ditatorial para a democracia socialista. Conheci a arte das épocas anteriores por meio das exposições a que tinha acesso no estrangeiro. A partir dos 80, passámos a ser protagonistas.